

Promoção à saúde voltada aos familiares de pessoas em uso abusivo de substâncias psicoativas

Health promotion for family members of people who abuse psychoactive substances

DOI:10.34117/bjdv7n7-201

Recebimento dos originais: 07/06/2021

Aceitação para publicação: 08/07/2021

Paloma Pereira Andreatta

Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória-ES

Alana Pereira Rodrigues

Prefeitura Municipal de Vitória. Vitória-ES

Alexandra Iglesias

Universidade Federal do Espírito Santo, Departamento de Psicologia. Vitória-ES

RESUMO

A partir do relato de uma experiência grupal com familiares de pessoas que fazem uso abusivo de substâncias psicoativas, este trabalho objetiva colaborar com os profissionais da saúde na construção de suas práticas junto a este público. Realizado em uma Unidade de Saúde da Família (USF) do município de Vitória-ES, o grupo foi composto por quatro encontros com duração média de duas horas e cerca de cinco participantes, todas mulheres. Foi conduzido por uma psicóloga, uma assistente social e uma graduanda em Psicologia. As ações no grupo foram mediadas por metodologia pautada na valorização dos saberes populares e na realidade dos sujeitos, promovendo o diálogo entre diferentes conhecimentos e possibilitando a construção de novos saberes. Os encontros se mostraram potentes, de modo que as participantes sentiam-se confortáveis para falar de suas angústias, acolhiam umas as outras e trocavam experiências entre si. O grupo permitiu ainda que elas construíssem juntas estratégias de cuidado, sendo assim, protagonistas na atenção à sua saúde.

Palavras-chave: Relato de experiência, Família, Atenção Básica, Substâncias Psicoativas.

ABSTRACT

Based on the report of a group experience with family members of people who abuse psychoactive substances, this work aims to collaborate with health professionals in the construction of their practices with this audience. Held in a Family Health Unit (USF) in the city of Vitória-ES, the group was composed of four meetings with an average duration of two hours and about five participants, all women. He was led by a psychologist, a social worker and a graduate student in Psychology. The actions in the group were mediated by a methodology based on the valorization of popular knowledge and the reality of the subjects, promoting dialogue between different knowledge and enabling the construction of new knowledge. The meetings proved to be potent, so that the participants felt comfortable talking about their anxieties, welcoming each other and exchanging

experiences with each other. The group also allowed them to build care strategies together, thus being protagonists in their health care.

Keywords: Experience report, Family, Primary Health Care, Substance-Related Disorders.

1 INTRODUÇÃO

A atenção psiquiátrica foi historicamente pautada em uma lógica hospitalocêntrica e manicomial, promovendo a violação de direitos e exclusão de milhares de sujeitos. Marcada por uma metodologia reducionista e focada em crises e sintomas, essa forma de atenção causou o aprisionamento das pessoas com transtornos mentais, comprometendo seus modos de vida e muitas vezes rompendo vínculos afetivos (Lima & Mângia, 2015).

No fim da década de 70, com o início da Reforma Psiquiátrica no Brasil, caminhou-se para uma mudança neste modelo. O movimento protagonizou denúncia das violências do sistema asilar, dedicando-se ao processo de desinstitucionalização e de luta antimanicomial, a fim de construir coletivamente um novo modo de cuidado (Brasil, 2005). A partir de então, a história da saúde mental no país passou por uma gradual alteração em suas práticas, valores e saberes, transitando de um paradigma centrado na internação hospitalar para uma atenção psicossocial, mais acolhedora e centrada no usuário, com vistas a resgatar seus direitos e cidadania (Mielke, Kohlrausch, Olschowsky & Schneider, 2010).

Neste cenário de progressiva transformação das práticas terapêuticas, a questão do uso abusivo de álcool e outras drogas passou a ser discutida enquanto campo da saúde mental. A fim de ampliar acesso aos tratamentos e cuidados e buscar estratégias de prevenção e reabilitação dos usuários, foram construídas políticas e legislações sobre o cuidado a essas pessoas em uso abusivo de substâncias psicoativas. A questão passou a ser debatida a partir de uma compreensão mais dinâmica, pautada na integralidade, na promoção dos direitos e na abordagem de redução de danos (Brasil, 2005; Conselho Federal de Psicologia [CFP], 2010).

Esse novo modo de cuidado passou a incluir a família nos processos terapêuticos dos usuários, sendo considerada uma instituição possivelmente protetora. Tal inclusão teve um efeito positivo na reabilitação dos sujeitos em tratamento, no entanto, concomitante a isso, constatou-se que a família tem estado cada vez mais adoecida, visto

que o consumo abusivo de álcool e outras drogas gera impactos para além daqueles identificados na vida do usuário (Siqueira et al., 2019a; Maciel, Silva, Pereira, Dias & Alexandre, 2018; Lima & Mângia, 2015).

O envolvimento dos familiares com o cuidado à pessoa em uso abusivo de substâncias psicoativas tem repercussões no cotidiano e na vida destes, chegando a causar desgastes físicos, psicológicos, sociais e materiais associados à sobrecarga de cuidados, assim como sentimentos de desamparo e vulnerabilidade (Siqueira et al., 2019b; Horta, Daspett, Egito &, Macedo, 2016). Tal realidade indica a necessidade de se pensar ações que considerem um cuidado à família, a reconhecendo como passível de sofrimento e não apenas como suporte clínico ao usuário (Covelo & Badaró-Moreira, 2015).

Siqueira et al. (2019b) realizaram entrevistas com familiares dos usuários de substâncias psicoativas e constataram que eles esperam ser acolhidos por meio de conversas, boa recepção e da escuta de suas queixas/sofrimentos. O estudo buscou compreender quais estratégias promovidas pelos profissionais de saúde eram identificadas como ações de cuidado e, neste sentido, a realização de um grupo com familiares compareceu como local de acolhimento, explanação de dúvidas e exposição de sentimentos. Os entrevistados afirmaram sentir-se bem em participar do grupo, julgando que os encontros os tornavam mais capazes de lidar com as situações adversas.

Neste contexto, a Política de Atenção Integral aos Usuários de Álcool e outras Drogas aponta que a assistência deve contemplar não somente as pessoas com problemas relacionados ao uso do álcool e outras drogas, mas também seus familiares. Traz ainda que os dispositivos extra-hospitalares, como os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), devem ser priorizados nesta oferta de cuidado, mas que o serviço também deve estar inserido nas Estratégias de Saúde da Família e de Agentes Comunitários de Saúde, que fazem parte da Rede Básica de Saúde (Brasil, 2003).

Neste sentido, tendo em vista o importante papel da Atenção Básica (AB) na organização da rede de saúde e sua oferta de atendimentos em consonância com o princípio da integralidade (Santos & Ferla, 2017), este nível de atenção tem potencial para ser um fundamental ponto de cuidados a essas famílias. Sua localização na comunidade, associada a ações pautadas em uma perspectiva de acolhimento tem possibilitado a construção de vínculos entre equipe e população, além de proporcionar o acompanhamento da pessoa em seu contexto social.

As Unidades de Saúde podem atuar em parceria com essas famílias, por meio da organização de estratégias de acolhida e escuta que proporcionem um espaço para que

possam falar de seus sentimentos e angústias. Com isso entende-se ser possível contribuir com o cuidado dessas pessoas, o que, por sua vez, repercute no fomento à qualidade de vida do usuário e do seu familiar e não somente do primeiro.

Desse modo, considerando o importante papel da AB na rede de atenção à saúde e a necessidade de acolher as famílias de pessoas em uso abusivo de substâncias psicoativas, este trabalho busca por meio do relato de experiência de um grupo de familiares realizado em uma Unidade de Saúde da Família, contribuir para a elaboração de ações e estratégias nesse sentido de cuidado.

2 MÉTODO

Trata-se de um estudo descritivo qualitativo, do tipo relato de experiência, elaborado a partir da vivência de Estágio Específico em Psicologia e Saúde Coletiva em uma Unidade de Saúde da Família (USF) localizada no município de Vitória/ES. Esse estágio é vinculado ao Departamento de Psicologia, na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e objetiva instrumentalizar os graduandos em Psicologia para a atuação no setor saúde.

Para tanto, em conjunto com os psicólogos da Rede Municipal de Atenção à Saúde, são confeccionados projetos de atuação condizentes com a necessidade e realidade de cada serviço e território adscrito. Os estagiários buscam contribuir em práticas de saúde já existentes nos serviços, ou, em conjunto com o psicólogo e outros profissionais, traçar ações a serem implantadas nos territórios.

A USF na qual a experiência a ser relatada se passa é referência para os moradores de quatro bairros da periferia do município de Vitória/ES, totalizando 11.855 habitantes (IBGE, 2010). É uma região que abriga um quantitativo importante de pessoas em situação de vulnerabilidade, decorrente da baixa renda familiar, da violência e do tráfico de drogas presente nessas localidades. Além da USF, a população tem acesso a creches, escolas, Centro de Referência da Assistência Social (CRAS), e conta ainda com ações de assistência da Legião da Boa Vontade, instituição beneficente e filantrópica.

Há no território um quantitativo importante de usuários com questões relacionadas ao uso abusivo de substâncias psicoativas. Esses sujeitos, tal como seus familiares, transitam pela Unidade acessando o serviço por meio de diferentes formas de atendimento. O contato que se estabelece nesse acesso ao serviço permite aos profissionais perceberem quais as necessidades de cuidado desse público.

Neste contexto, verificou-se que os familiares demandavam uma atenção para tratar dos efeitos de se ter um ente em situação de dependência química. A atenção disposta pela família ao usuário de substâncias psicoativas acarreta por vezes, em cansaço, sofrimentos e sobrecargas, o que faz com que esses sujeitos também necessitem de estratégias de cuidado advindas dos profissionais e serviços de saúde (Siqueira et al., 2019b).

Assim, a fim de atender tal demanda, as profissionais da Psicologia e do Serviço Social, juntamente com a estagiária de Psicologia, deram início a um grupo com familiares de pessoas em uso abusivo de álcool e outras drogas. A proposta foi de construir um espaço de autocuidado, pautado em sigilo e confidencialidade, em que essas pessoas, que cotidianamente vivem uma experiência em comum, pudessem se sentir à vontade para compartilhar seus pensamentos, desejos, sentimentos, dificuldades e potencialidades. Decidiu-se por um enfoque na discussão do autocuidado, de modo que o grupo foi nomeado: “Cuidando de Quem Cuida”.

Assim, vale destacar que esse grupo utilizou como balizador do trabalho a Educação Popular em Saúde (EPS), que credita ao diálogo e à troca de saberes a força motriz para a efetivação do cuidado (Vasconcelos, 2017). Neste sentido, Gomes e Merhy (2011) apontam que a formação de grupos de pessoas com características que as aproximam é uma potente estratégia frente à complexidade dos problemas que se apresentam nos serviços de Atenção Básica e não encontram resolutividade na realização dos procedimentos tradicionais ofertados.

A partir dessa perspectiva, o grupo foi composto de quatro encontros que aconteciam semanalmente, com duração de duas horas e uma participação média de cinco pessoas. Durante todos os encontros a composição foi exclusivamente feminina, refletindo a tradicional delegação do papel social de cuidado à mulher (Maciel et al., 2018).

Um ponto que contribuiu para as ações desenvolvidas no grupo foi o fato de a assistente social da USF ter participado de uma formação ministrada na Escola Técnica do SUS de Vitória (ETSUS/Vitória) cujo foco foi qualificar a Rede de Atenção Integral em Álcool e outras drogas. A formação buscava transformar o imaginário social, que influenciado pela política de “Guerra às Drogas”, é permeado por preconceito e marginalização dos “loucos e drogados” (Branco, Silva & Soldatelli, 2016).

Neste contexto, a família, por vezes, também vivencia esse imaginário social, seus efeitos, bem como, certo abandono de si mesmo, pelos cuidados dedicados ao seu familiar

em uso abusivo de substâncias psicoativas. Assim, optou-se por utilizar algumas das temáticas trabalhadas na formação da ETSUS como orientadoras das ações no grupo.

Ao considerar as dificuldades enfrentadas por essas familiares e sua rica experiência cotidiana, os encontros foram mediados por estratégia metodológica que considera os sujeitos como dotados de saber, ressaltando o uso de espaços coletivos como meio de interação e construção de conhecimento compartilhado (Branco et al., 2016).

O diário de campo foi utilizado como ferramenta para registrar os encontros, permitindo documentar as vivências do grupo e auxiliar no processo de análise das práticas desenvolvidas. Tal forma de registro oportunizou ainda, uma reflexão sobre as potencialidades e dificuldades experienciadas, possibilitando assim, a formulação de novas estratégias de ação de acordo com as necessidades constatadas (Freitas & Pereira, 2018).

Todo o processo de produção deste trabalho respeitou os procedimentos éticos de pesquisa, não fazendo o uso das informações em prejuízo das pessoas e/ou comunidade e garantindo às participantes sigilo, confidencialidade e proteção de suas identidades.

3 CUIDANDO DE QUEM CUIDA

Para o primeiro encontro do grupo, as condutoras confeccionaram previamente crachás em branco, no intuito de que, na medida em que as participantes chegassem, pudessem preencher com o nome pelo qual gostariam de ser chamadas, indo além daquele de registro. Esse crachá era uma forma de facilitar a identificação das componentes do grupo, inclusive das mediadoras, sendo usado em todos os encontros subsequentes.

Neste dia apresentou-se a proposta do grupo, acordou-se a presença e compromisso com os quatro encontros, ressaltando a importância de reservar esse tempo para estar em um local onde elas pudessem se fortalecer e estar bem consigo mesmas. Também tratou-se das combinações de sigilo, de modo a tornar aquele um lugar de confiança e respeito, uma vez que “a formação do espaço protegido é que vai garantir que aparecerão elementos fundamentais da história de vida e dos sentimentos daqueles que estão ali” (Furlan & Campos, 2010, p. 111). Foi notória a concordância entre as participantes durante essas falas, de modo que, verbalizaram entusiasmo e gratidão com o acesso a um espaço que preza pelo bem-estar delas.

Após a realização dos acordos usou-se de uma atividade lúdica como ferramenta de aproximação e criação de vínculos (Pinheiro & Bittar, 2016). As participantes dispunham de tesouras, canetinhas, lápis de cor, giz de cera e uma folha A4 dobrada ao

meio, ela foram então, orientadas a desenharem seus nomes em um dos lados, podendo pintar, fazer ilustrações, se abrirem à criatividade. Em seguida, elas recortaram o papel no entorno do nome desenhado e desdobraram a folha, obtendo assim, uma figura. A partir disso iniciou-se uma conversa sobre o que aquela figura dizia de si, sobre como estavam, o que queriam e sentiam.

Furlan e Campos (2010) apontam que as atividades expressivas e dinâmicas possibilitam que o difícil de ser dito seja trazido à tona, no grupo isso pôde ser observado uma vez que por meio do momento lúdico, as participantes expuseram seus sentimentos, deram abertura para a autopercepção e disseram estarem cansadas e adoecidas, precisando de cuidado. Ressaltou-se que aquele espaço buscava possibilitar justamente isso, um movimento de percepção e cuidado de si, visto que é algo importante para manutenção da própria saúde, tal como para que se dê conta de cuidar do outro (Covelo & Badaró-Moreira, 2015).

Para finalizar, foram dispostos variados bombons e estimulou-se que observassem qual lhes interessava, reconhecessem aquele que gostavam mais e então o escolhessem para levarem consigo. Esse bombom seria uma extensão da ideia de autocuidado exposta durante o grupo. Foi proposto que em casa tirassem um “tempinho” só delas, para relaxar, degustar o doce, apreciar o sabor, prestando atenção a cada mordida, a fim de usufruir do momento de uma forma simples, mas totalmente delas.

No segundo encontro buscou-se refletir a respeito da necessidade de compreender a questão do uso de drogas com um olhar ampliado, por meio da problematização dos preconceitos e do reconhecimento da diversidade de culturas e histórias de vida individuais e coletivas (Brasil, 2013). Para tanto, usou-se da Dinâmica dos Prazeres, dispositivo empregado pelo Ministério da Saúde na formação em Saúde Mental na AB - curso “Caminhos do Cuidado”. Desse modo, foi entregue às participantes papel e caneta para que escrevessem atividades que lhes davam prazer e colocassem suas consequências positivas e negativas. Posteriormente cada uma expôs suas anotações e a partir disso, foi iniciada uma discussão sobre como as pessoas têm diferentes sensações com as mesmas atividades, o que para alguns pode ser um meio de bem-estar, para outros pode trazer riscos, assim também, para as pessoas que usam drogas, que, possivelmente, sentem seus efeitos e consequências de maneira diferente (Brasil, 2013, p. 26).

Após esse momento, foi realizada uma dinâmica sobre mitos e verdades a respeito das substâncias psicoativas. Afirmações eram enunciadas e cada participante portava uma placa para apontar a afirmação como mito ou verdade, em alguns momentos as placas

levantadas divergiam, o que dava início a um debate a respeito da afirmação. Esses debates ocasionados por diferentes posições a respeito de um mesmo fato se pautavam no princípio do diálogo, proposto na Política Nacional de Educação Popular em Saúde (PNEPS), compreendido como um encontro intersubjetivo de saberes culturais e históricos, que possibilita a construção de conhecimentos de forma participativa (Pinheiro & Bittar, 2016).

Foi uma ocasião rica em que alguns dos mitos sequer precisaram ser discutidos, sendo unânime entre o grupo a incoerência das ideias apontadas. Outros, no entanto, se faziam presentes, sendo indicados pelas participantes como verdades. Buscou-se então, fazer uma escuta desses posicionamentos, considerando o conhecimento prévio e as vivências que ocasionaram tal crença. Era levado em conta ainda, as experiências das participantes com seus familiares, que muitas vezes acarretam em informações impregnadas de significados sociais e emocionais, que precisaram ser conhecidos e respeitados. Essa é uma postura importante para aproximar os diferentes saberes presentes no grupo, tendo em conta “que o início de todo trabalho educativo é conhecer onde o outro está” (Guimarães, 2014, p.120).

Para finalizar, foi projetada uma apresentação de slides que trazia uma contextualização histórica sobre as drogas. Utilizou-se desse recurso audiovisual para exibir propagandas e recomendações de substâncias psicoativas como a maconha, cocaína e ópio, para fins recreativos e farmacológicos às pessoas de diferentes idades, inclusive crianças. Foi preciso um cuidado ao utilizar esse tipo de recurso, uma vez que, costuma ser aplicado em estratégias educativas de cunho expositivo, em que não há implicação, mas apenas um momento de comunicação e depósito de informações (Hoffmann & Maximo, 2019). Com base nos preceitos da EPS, buscou-se ao contrário dessa conduta tradicional, por meio deste dispositivo, promover diálogo e trazer a todo o grupo uma reflexão a respeito de como a visão social do consumo dessas substâncias tem passado por transformações ao longo do tempo.

A discussão expandiu-se para uma conversa sobre como na atualidade tem-se atribuído à droga a responsabilidade exclusiva pelos efeitos negativos e danosos de seu uso, levando-as a questionar a visão limitada em que se atribui a um objeto inanimado a culpa por condutas humanas (Martins & Macrae, 2010). No encerramento deste encontro foi feito um círculo onde cada uma trazia uma palavra que representasse como saía do grupo e o que levava consigo. Foram enunciadas palavras como: gratidão, conhecimento

e tranquilidade, que aludem a sentimentos positivos, demonstrando que aquele momento havia sido considerado benéfico para elas.

No terceiro encontro trabalhou-se a rede de atenção do território, explorando os fatores de proteção disponíveis, para conhecer e identificar a produção de prazer e bem-estar existentes ali. Com o propósito de construir algo visual, cada participante recebeu três fios de lã, que eram unidos por uma de suas pontas e foram orientadas a conversarem com três pessoas sobre o que gostam de fazer, onde vão, quais os ambientes frequentados, e a cada conversa uma das três pontas dessas pessoas se uniriam. Ao fim se obteve uma enorme teia que foi exposta na parede.

Em seguida, perguntou-se sobre o território, os locais onde iam e as coisas que elas gostavam de fazer. Cada local foi anotado no papel e colado em um dos diversos nós da teia, onde os encontros haviam sido amarrados. Apareceram: escola, igreja, unidade de saúde, CRAS, academia popular. Esses locais foram trabalhados enquanto fatores de proteção, ressaltando a importância de construção conjunta da rede de saúde mental, por meio do compartilhamento não somente desses espaços, mas de saberes e práticas. Entende-se que, dessa forma, é possível encontrar no território e junto às pessoas que nele habitam, auxílio e potencialidades para o autocuidado, assim como para o cuidado do familiar em uso abusivo de álcool e outras drogas (Brasil, 2013).

Diante dessa discussão uma participante indagou o que fazer quando se dispõe todos os caminhos, meios e fatores de proteção para o familiar e ele não faz nada com isso. O grupo foi então convidado a pensar e caso desejassem, falar algo a respeito da indagação colocada. Uma participante disse que então largasse de mão, o que não pareceu ser uma resposta interessante para a mulher que havia colocado a questão. Em seguida, outra participante respondeu que isso era muito difícil, enquanto mãe largar um filho de lado, relatou sobre como dedicou todo seu tempo ao filho e este não fazia jus a tal disposição. Ela o priorizava em detrimento de si e não via o retorno. Começou então a mudar sua conduta e a cuidar de si sem culpa, trouxe uma fala bíblica a respeito da orientação para amar o outro como a ti mesmo, questionando como isso seria possível quando esse amor ao outro leva a um descuido e desamor de si. Relatou que ao pensar nisso, passou a agir de modo a se amar e se cuidar, para então cuidar do outro, e dessa forma passou a viver melhor e se sentir mais feliz. Dessa vez, a fala pareceu fazer sentido para a mulher que trouxe o questionamento.

Essa fala foi ao encontro também, da ideia de autocuidado proposta para o grupo, destacada pelas condutoras a todo encontro. No entanto, quando uma participante traz

essa ideia a partir do seu olhar de familiar, soa diferente e acredita-se que mais potente, justamente pelo local de onde ela fala, a partir de quem vivencia no cotidiano os desafios e dificuldades de se ter um ente em situação de dependência química. Levar em consideração e deixar fluir os saberes das pessoas presentes no grupo diz também, das estratégias da EPS, “ênfatizando a ampliação dos espaços de interação cultural e a negociação entre os diversos atores envolvidos em determinado problema social para a construção compartilhada do conhecimento e da organização necessário à sua superação.” (Branco et al., 2016, p. 606).

Por fim, foi projetado o vídeo 'Caminhando com Tim Tim', disponível na internet, e a partir dele buscou-se discutir a importância da autonomia nas intervenções e estratégias utilizadas na prestação do cuidado. Tykanori (2010) traz a definição de autonomia como estreitamente relacionada ao poder contratual dos sujeitos, sendo a condição necessária para a realização de trocas sociais. É a capacidade que o indivíduo tem de conceber novas normas para sua vida, em acordo com as situações vivenciadas em seu cotidiano. Freire (1997) aponta que a autonomia se constitui a partir da experiência de várias e inúmeras decisões.

No vídeo projetado, essa concepção de autonomia fica bem ilustrada, de modo que, a mãe de Tim Tim o deixa livre para caminhar, interagir e encontrar as experiências que o caminho lhe proporciona, sempre o acompanhando, mas sem interferir em seus encontros. Esse caminho tem riscos, mas também tem proteção, que oferece a Tim Tim a possibilidade de se inventar, de trilhar sua caminhada, mesmo que no trajeto se depare com obstáculos. A proposta foi fazer alusão a uma lógica em que o cuidado não prive a produção de sujeitos autônomos.

No quarto e último encontro, foi abordado o equívoco em se afirmar que cessar o consumo das substâncias psicoativas é meramente uma questão de força de vontade, tal como que enunciar as consequências negativas de seu uso são suficientes para impedi-lo. Desse modo, foi construído um espaço que fazia referência à um “mercadinho”, foram dispostas diversas embalagens de diferentes produtos que se encontram no supermercado, distribuiu-se cédulas que remetiam ao dinheiro, para que as participantes comprassem o que desejassem.

As compras foram analisadas em conjunto, tal como a motivação para as mesmas, refletindo sobre como algumas participantes ali tinham restrições alimentares e havia uma dificuldade em lidar com isso. Foi iniciada uma conversa a respeito das estratégias utilizadas por elas a fim de lidar com suas compulsividades no cotidiano. Então a temática

foi expandida e pensada a partir da perspectiva do usuário de substâncias psicoativas e à luz da abordagem da redução de danos, que reconhece as singularidades do usuário, traçando “com ele estratégias que estão voltadas não para a abstinência como objetivo a ser alcançado, mas para a defesa de sua vida” (Brasil, 2004, p. 10).

Após os quatro encontros o grupo foi encerrado, no entanto, seus efeitos tiveram repercussões para além daquele espaço grupal e se expandiram para outros ambientes da Unidade de Saúde e mesmo para fora dela. Percebeu-se que ao longo dos encontros algumas participantes passaram a se portar de modo diferente, algumas apresentaram mudanças na forma de se vestir, de usar o cabelo e de se comunicar, de modo que, suas falas passaram a trazer mais de si e um pouco menos do familiar.

Houveram alguns encaminhamentos para participação em outros grupos ali ofertados e/ou para acompanhamento terapêutico individual, mantendo assim, um vínculo com a USF. Em um caso esse encaminhamento se deu a partir da demanda da própria participante, a qual demonstrou um movimento de compreensão da importância de atenção à sua saúde. A proposta de autocuidado apresentada ao grupo possibilitou que as participantes percebessem quais as suas próprias necessidades de cuidado, e soubessem onde e como buscar ajuda.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com as transformações ocorridas no âmbito das práticas de Saúde Mental no país, a família passou a ocupar um importante papel no cuidado das pessoas que fazem uso abusivo de substâncias psicoativas. Tal realidade demanda dos serviços de saúde, ações que busquem atender as necessidades dessas famílias, uma vez que, estar no lugar de cuidador tem acarretado em cansaço físico e psicológico.

Neste contexto, o grupo com familiares na AB se apresentou como uma possibilidade de acolher essas pessoas e ofertar um ambiente de cuidado, se mostrando potente e eficaz neste sentido. A oferta desse espaço se apresentou, ainda, como uma possibilidade dos familiares trocarem experiências e vivências, o que permite que juntos possam elaborar seus sentimentos e pensar em estratégias para lidar com as angústias advindas do processo de cuidar. Aos profissionais, o grupo oportunizou um meio para levantamento das demandas e necessidades de atenção desses sujeitos, além de proporcionar uma proximidade entre comunidade e equipe, melhorando a interação entre estes e possibilitando acesso a informações essenciais na elaboração de intervenções que façam sentido para a população.

Cuidar do familiar repercute ainda no cuidado à pessoa em uso abusivo de substâncias psicoativas, dado que, possibilita que essas famílias se fortaleçam nas discussões de Saúde Mental, desconstruindo mitos e preconceitos da comunidade e somando forças na luta antimanicomial. Mesmo com os avanços advindos com a Reforma Psiquiátrica, essa luta ainda se faz necessária, visto que, a lógica asilar até este tempo se faz presente por meio dos tratamentos pautados na abstinência, que retiram o sujeito de seu contexto social, a fim de privá-lo do acesso às drogas, e com isso, muitas vezes, o priva também de afetos e direitos.

Embora se verifique o potencial existente nessa experiência, se faz necessário sinalizar algumas limitações presentes no decorrer de seu processo. O grupo ter acontecido com um número de encontros já delimitado, por exemplo, merece atenção, visto que, as participantes fizeram emergir muitas questões, apontando para a necessidade de continuidade dessa proposta com outros grupos de familiares desse território. Outra dificuldade diz respeito a precária infraestrutura da USF, onde não há um espaço apropriado para realização de ações em grupo, sendo utilizado um local que não fornece a privacidade adequada aos encontros, o que resultou em algumas interrupções devido barulhos externos ou em razão de alguma pessoa acessar o local por engano. Tal realidade demonstra que a falta de espaços adequados para a realização de atividades coletivas pode ser um obstáculo para que se rompa a lógica de ações em saúde com ênfase no individual.

REFERÊNCIAS

Branco, N. M. M. C.; Silva, D. V.; Soldatelli, S. M. R. (2016). Desconstruindo mitos e preconceitos sobre "loucos" e "drogados": uma proposta de ação educativa para familiares de usuários de álcool e outras drogas na perspectiva da educação popular. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, 11(3), 602-612. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082016000300006&lng=pt&tlng=pt

Brasil. (2004). *A política do Ministério da Saúde para a atenção integral a usuários de álcool e outras drogas*. Brasília: Ministério da Saúde. Recuperado de http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/pns_alcool_drogas.pdf

Brasil. (2005). Secretaria de Atenção à Saúde. DAPE. Coordenação Geral de Saúde Mental. *Reforma psiquiátrica e política de saúde mental no Brasil*. Documento apresentado à Conferência Regional de Reforma dos Serviços de Saúde Mental : 15 anos depois de Caracas. OPAS. Brasília. Recuperado de http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/Relatorio15_anos_Caracas.pdf

Brasil. (2013). Secretaria de Gestão do Trabalho e Educação na Saúde. *Projeto Caminhos do Cuidado: Formação de Agentes Comunitários de Saúde, Auxiliares e Técnicos de Enfermagem da Saúde da Família - em saúde mental ênfase em crack, álcool e outras drogas*. Brasília, DF: Ministério da Saúde. Recuperado de http://www.caminhosdocuidado.org/wp-content/uploads/2013/09/caderno_tutor-leitura.pdf

Conselho Federal de Psicologia. (2010). *Subjetividade do consumo de álcool e outras drogas e as políticas públicas brasileiras* / Conselho Federal de Psicologia. Brasília: CFP. Recuperado de https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2010/06/AlcoolDrogas_novas_alteracoes.pdf

Furlan, P. G., & Campos, G. W. S. (2010). Os grupos na atenção básica à saúde. In Brasil, *Cadernos HumanizaSUS* (Atenção Básica - Série B. Textos Básicos de Saúde, Volume 2, (pp. 105-116). Brasília: Ministério da Saúde. Recuperado em http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cadernos_humanizasus_atencao_basica.pdf

Freire, P. (1997). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 14. ed. São Paulo: Paz e Terra. Recuperado de <https://cpers.com.br/wp-content/uploads/2019/09/9.-Pedagogia-da-Autonomia.pdf>

Guimarães, N. V. (2014). Construção coletiva em educação popular: oficinas de culinária terapêutica. In: Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa, *II Caderno de educação popular em saúde* (pp. 119 -121). Brasília: Ministério da Saúde. Recuperado de http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/2_caderno_educacao_popular_saude.pdf

Hoffmann, J. & Maximo, C. E. A. (2019). Educação Popular em Saúde como dispositivo transformador das práticas da Rede de Atenção Psicossocial no município de Itajaí-SC. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, 14(1). Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S180989082019000100006&lng=pt&tlng=pt

Horta, A. L. M., Daspett C, Egito J. H. T, Macedo R. M. S. (2016). Experience and coping strategies in relatives of addicts. *Revista Brasileira Enfermagem*, 69(6). p. 962-8. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2015-0044>

Lima H. A., Mângia E. F. (2015). Estratégias grupais voltadas aos familiares de pessoas com necessidades decorrentes do uso de substâncias psicoativas: uma revisão narrativa. *Rev Ter Ocup Univ São Paulo*, 26(2), 294-300. doi: <https://doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v26i2p294-300>

Maciel, S. C., Silva, F. F., Pereira, C. A., Dias, C. C. V & Alexandre, T. M. O. (2018). Cuidadoras de Dependentes Químicos: Um Estudo sobre a Sobrecarga Familiar. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 34, 416. doi: <https://dx.doi.org/10.1590/0102.3772e34416>

Martins, J., Macrae, E. (2010). Por um olhar sociocultural sobre a questão das drogas. In: Filho, A. N., Valério, A. L. R. *Módulo para capacitação dos profissionais do projeto consultório de rua* (pp. 17-24). Brasília: SENAD, Salvador: CETAD. Recuperado de http://www.campinas.sp.gov.br/governo/assistencia-social-seguranca-alimentar/prevencao-as-drogas/modulo_profissionais.pdf

Mielke F. B., Kohlrausch, E., Olschowsky A., Schneider J. F. (2010). A inclusão da família na atenção psicossocial: uma reflexão. *Rev. Eletr. Enf.*, 12(4), 761-5. doi: <http://dx.doi.org/10.5216/ree.v12i4.6812>.

Tykanori, R. Contratualidade e Reabilitação Psicossocial. (2010). In: Pitta, A. M. F. (Org). *Reabilitação Psicossocial no Brasil* (pp. 55-59). (3.ed.) São Paulo: Hucitec.

Pinheiro, B. C., & Bittar, C. M. L. (2016). Práticas de educação popular em saúde na atenção primária: uma revisão integrativa. *Cinergis*, 18(1), 77-82. doi: <http://dx.doi.org/10.17058/cinergis.v18i1.8049>

Santos, F. F, Ferla, A. A. (2017). Saúde mental e atenção básica no cuidado aos usuários de álcool e outras drogas. *Interface*, 21(63), 833-44. doi: <https://doi.org/10.1590/1807-57622016.0270>

Siqueira, D. F., Terra, M. G., Soccol, K. L. S., Canabarro, J. L., Moreschi C., & Mello A.L. (2019a). Familiar do usuário de substâncias psicoativas: revisão de literatura. Recuperado de <http://www.urisantiago.br/multicienciaonline/adm/upload/v3/n5/02fe22060bbb9f546f81229f7228e6f9.pdf>

Siqueira, D.F., Terra, M. G., Vieira, L.B., Moreschi, C., Mello, A.L., & Soccol, K. L. S. (2019b). Ações de cuidado aos familiares de usuários de substâncias psicoativas: perspectivas de profissionais e familiares. *Texto & Contexto Enfermagem*, 28. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/1980-265X-TCE-2018-0022>.